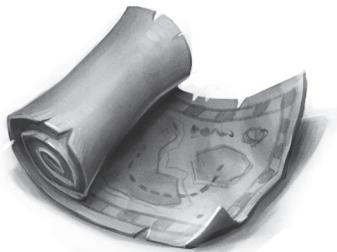


CAROLINE CARLSON

A QUASE HONROSA
LIGA DE PIRATAS

O tesouro da
Encantadora



Ilustrações
DAVE PHILLIPS

Tradução
RICARDO GOUVEIA

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright texto © 2013 by Caroline Carlson
Copyright ilustrações © 2013 by Dave Phillips
Publicado mediante acordo com Rights People, Londres.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A citação original de *A ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson, foi retirada da edição da Record (2004), com tradução de Alves Calado.

TÍTULO ORIGINAL The Very Nearly Honorable League of Pirates: Magic Marks the Spot
CAPA Amy Ryan

ILUSTRAÇÃO DE CAPA © 2013 by Yarrow Cheney

LETTERING DE CAPA David Coulson

PREPARAÇÃO Isadora Prospero

REVISÃO Thaís Totino Richter e Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carlson, Caroline

O tesouro da Encantadora : A quase honrosa liga de piratas /
Caroline Carlson ; ilustrações Dave Phillips ; tradução Ricardo
Gouveia. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2014.

Título original: The Very Nearly Honorable League of Pirates :
Magic Marks the Spot
ISBN 978-85-65765-31-2

I. Literatura infantojuvenil I. Phillips, Dave. II. Título.

14-01214

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

UM



DESDE QUE A CARTA da Escola da Senhorita Pimm chegou, Hilary passou cada vez mais tempo conversando com a gárgula.

Ela sabia perfeitamente bem que seus pais não aprovavam, mas ainda assim preferia muito mais a companhia da gárgula à deles. As duas nem sempre concordavam, mas a opinião da gárgula sobre escolas para damas delicadas era totalmente reconfortante.

— Uma touca de banho! — disse a gárgula, enquanto Hilary arrumava as roupas da escola no baú de viagem folheado a ouro que sua mãe arrastara do sótão. — Nenhum pirata que se preze seria pego usando uma touca de banho. Nem morto.

— Eu sei — disse Hilary. — E olha o que a minha mãe fez com ela. — Ela ergueu a touca de banho para que a gárgula pudesse ver seu nome bordado em fio de ouro na beirada. — Ela diz que está na moda.

— Moda! — disse a gárgula. — Piratas não se importam com moda! Embora — ela acrescentou, depois de pensar um pouco — eu sempre tenha desejado um daqueles chapéus pretos pontudos... você sabe, daquele tipo que tem uma pena saindo da copa...

Hilary fechou o baú e subiu em cima dele para alcançar a gárgula, que tinha sido talhada em pedra sobre a porta de seu quarto. Antes que ela pudesse protestar, Hilary ajeitou a touca de banho bordada — de acordo com a moda, ela pensou — sobre suas orelhas de pedra.

— Mas você não é pirata — ela lembrou a gárgula —, e tenho a sensação horrível de que também não pode-rei ser.

— Não diga isso. — A gárgula se contorceu e agitou as orelhas, mas não conseguiu se livrar da touca de banho. — Só porque aquele idiota do fulano-perna-de-pau disse... Quer tirar essa coisa de mim? — A gárgula suspirou. — Quem me dera ter mãos.

— Ora, está bem — disse Hilary. — Mas não tenha dúvidas de que você está tremendamente elegante. — Ela puxou a touca de banho das orelhas da gárgula e a jogou na cama, sobre as sete camisolas brancas rendadas e os vinte pares de meias cinza que a mãe dela fora buscar na cidade

naquela manhã. — Você tem sorte, gárgula. Ninguém pode obrigá-la a fazer nada que não queira.

— Rá! — disse a gárgula. — E você acha que proteger a mansão Westfield é só sombra e aranhas frescas? Viver numa parede por duzentos anos não é essa maravilha que dizem por aí, sabia? Você iria gostar se as pessoas ficassem pulando na sua frente só para agarrar o seu nariz e ordenar que as proteja?

Hilary teve de admitir que não iria gostar nem um pouco.

— Acho que nenhuma de nós gosta de receber ordens o tempo todo... — disse ela. — Pelo menos meu pai não a mandou para uma escola para damas delicadas.

— E é melhor ele nem tentar — disse a gárgula, soturna. — Ou levaria uma mordida.

O pai de Hilary era almirante na Marinha Real de Augusta, o que significava, até onde Hilary sabia, que ele precisava jantar todos os domingos com a rainha e passar o resto do tempo em seu escritório na mansão Westfield, disparando ordens ríspidas e apressadas para qualquer capitão ou comandante que por acaso estivessem de visita. Embora ele raramente fosse para o mar, Hilary pouco via o pai, e falava com ele menos ainda. Metade do tempo, quando ela estava vestindo uniformes velhos, repassados por antigos aprendizes-marinheiros, seu pai a confundia com um membro da tripulação e ordenava que fosse “buscar o arquivo das Terras do Norte” ou que fosse “polir aquele

sextante, e rápido!”. Na outra metade do tempo, quando alguém tinha sido ligeiro o bastante para conseguir enfiar Hilary em um vestido, seu pai a beijava na testa e dizia “vá andando e seja uma boa mocinha”. Hilary pretendia ser muitas coisas, e uma boa mocinha não era uma delas. Mas ela ainda não tinha reunido coragem suficiente para contar isso ao almirante Westfield.

O quarto de Hilary já estava praticamente vazio — a maior parte das suas coisas estava guardada no baú dourado ou tinha sido despachada num trem rumo à Escola da Senhorita Pimm, assim como a própria Hilary seria, na manhã seguinte. Ela não estava nada ansiosa pela viagem.

— Seis horas em uma cabine privada com uma governanta — ela disse para a gárgula enquanto dobrava os cardigãs com o carneiro dançante —, e tenho certeza de que a srta. Greyson vai me obrigar a fazer lições o tempo todo. E ela vai embrulhar aqueles sanduichinhos sem casca que jovens damas supostamente comem, e não vai me deixar olhar pela janela porque jovens damas não devem sujar o vidro.

— Sim, sim, tudo isso é lamentável — disse a gárgula.
— Sanduichinhos e tudo mais. Mas vamos nos concentrar na verdadeira tragédia aqui.

— A QHLP está sendo terrivelmente injusta — disse Hilary —, e quanto ao meu pai...

A gárgula suspirou.

— Eu estava falando de *mim!* O que vai acontecer comigo quando você for embora? Quem vai ler *A ilha do*

tesouro para mim? E se os seus pais hospedarem convidados nobres neste quarto? E se os hóspedes não quiserem falar comigo? E se não houver hóspedes nunca mais, e as minhas orelhas ficarem cheias de pó? Hilary... — disse a gárgula — e se me mandarem para *reforma*?

A gárgula pareceu tão sincera que Hilary sentiu que ela estava realmente preocupada.

— Não se preocupe — ela disse. — Vou voltar para visitá-la nas férias e não deixarei que nada de ruim lhe aconteça. Você sabe que eu a levaria comigo se pudesse.

A gárgula torceu o focinho e deixou escapar um ruído que estava no meio do caminho entre um espirro e uma avalanche.

— Não acho que eu iria gostar — ela disse. — Os piratas em *A ilha do tesouro* não tinham que frequentar escolas para damas delicadas, tinham?

— Não — disse Hilary —, com toda certeza não.

— Então não estou interessada — disse a gárgula. — E se você realmente quer ser pirata, também não deveria ir.

Hilary se soltou sobre o baú de viagem.

— É claro que quero ser pirata — ela disse. — Eu sempre quis.

E por que ela não poderia ser pirata? Ela já era uma maruja melhor do que a maioria dos rapazes que trabalhavam na Marinha Real com seu pai, e se importava mais com duelos de espada e tesouros perdidos do que com costurar anáguas e ter bons modos. Até o almirante Westfield devia

saber que uma escola para damas delicadas não era o lugar certo para ela. Ele reprovava a pirataria com todas as forças, é claro, mas talvez se ela conversasse com ele, se ele pudesse ver que pirata excelente ela seria... Ele poderia ficar impressionado. E poderia até convencer a QHLP a reconsiderar.

— Ah, ótimo, você já arrumou seu baú — a mãe de Hilary disse, enfiando a cabeça pela porta. — Você *realmente* precisa usar esses uniformes horríveis de grumete? São grandes demais para você, e esse tom de azul não combina com seus olhos. Alguma coisa verde, talvez; um belo vestido novo...

— Eu não posso escalar os cordames dos navios de vestido, mãe — Hilary disse —, e você *sabe* que eu detesto verde. Além disso, dois vestidos de lã horrendos da Senhorita Pimm deveriam ser o bastante para qualquer um.

— Sra. Westfield — disse a gárgula, inclinando-se sobre a verga da porta para se dirigir a ela de cabeça para baixo —, quando Hilary estiver na escola, você pretende espancar a poeira de cima de mim?

A sra. Westfield abanou a mão no ar como se estivesse espantando uma mosquinha impertinente.

— Cordames dos navios! — ela disse a Hilary. — Eu nunca ouvi tamanho absurdo. Na Senhorita Pimm vão ensiná-la a se vestir como uma dama, e talvez também se livrem dessa trança boba no seu cabelo de uma vez por todas. — Ela deu uma palmadinha nos próprios cachos cuidadosamente esculpidos.

— Hum-hum — pigarreou a gárgula, ainda pendurada de ponta-cabeça. — Quanto à poeira...

Mas a sra. Westfield foi em frente:

— Sempre sonhei em ser aluna da Escola da Senhorita Pimm, sabe. A srta. Pimm é muito exigente com as estudantes. É bom ter em mente que nem todas as meninas têm a sua sorte.

— Se ser mandada para a Senhorita Pimm é ter sorte
— Hilary disse —, então prefiro ter azar.

Sua mãe riu.

— Não seja boba — ela disse. — Seu pai é muito generoso por proporcionar essa experiência a você.

Hilary suspirou. Não fazia sentido continuar discutindo.

— Você sabe se o papai está ocupado agora? — Quando o almirante Westfield não estava na cidade em missões navais, estava trancado em reuniões; então quase sempre era inútil fazer essa pergunta. — Preciso discutir uma coisa com ele... uma coisa importante.

A sra. Westfield olhou para o corredor.

— Você sabe que o seu pai não tolera discussões, querida, mas a porta do escritório está aberta. Se você se apressar, talvez o alcance.

Hilary esperou até sua mãe se afastar, sem dúvida para vasculhar cada centímetro da mansão Westfield à procura de um empregado para importunar. Então ela enfiou o braço embaixo da cama, agarrou sua espada e a prendeu na cintura.

— Planejando executar o seu pai? — perguntou a gárgula. — Certamente essa é uma solução possível, mas eu não recomendaria. — A gárgula sacudiu a cauda. — Faz uma sujeira danada.

— Não seja boba — disse Hilary. — Não pretendo executar ninguém. — Embora ela não estivesse a fim de admitir para a gárgula, carregar a espada a fazia se sentir um pouquinho mais corajosa, e entrar no escritório do almirante Westfield requeria cada grama de coragem que ela conseguisse reunir.

ATÉ MESMO ATRAVESSAR O CORREDOR PRINCIPAL da mansão Westfield era uma experiência um tanto grandiosa e intimidadora. Dos dois lados, elaborados vitrais retratavam os grandes heróis da história. O bom rei Albert, primeiro monarca de Augusta, observava atentamente do vitral mais próximo ao escritório do almirante Westfield, visivelmente mais verde-esmeralda e rosa claro do que fora em vida. O vizinho do rei Albert no vitral seguinte era Simon Westfield — um ancestral muito remoto que explorara o reino em um balão —, e sua companheira do outro lado do corredor era a Encantadora das Terras do Norte.

A Encantadora controlara a magia do reino havia muito tempo, quando objetos mágicos eram tão comuns quanto panelas nos lares de Augusta. A gárgula, inclusive, gostava de contar a quem estivesse disposto a ouvir que ela

tinha sido esculpida pela Encantadora em pessoa. No vitral, ela usava um vestido comprido e tinha um sorrisinho alegre no rosto, embora Hilary achasse que o artista não tinha retratado aquela parte direito — afinal, a Encantadora estava segurando um baú de madeira que parecia bem pesado, transbordando de moedas de ouro mágicas. Para Hilary, ela devia parecer menos contente e mais exausta. Mas o vitral da Encantadora era o seu favorito, vibrando em tons de laranja e ouro como um pôr do sol enfurecido. O almirante Westfield, por sua vez, se referia à Encantadora como Aquela Gralha Velha Intrometida, e vivia ameaçando mandar remover o vitral dela.

Quando Hilary passou pela janela da Encantadora, um menino alto usando o uniforme azul de aprendiz-mariñeiro saiu do escritório do pai dela e bloqueou seu caminho. Ele olhou Hilary dos pés à cabeça e deu um risinho sarcástico, mas como era o tipo de pessoa que dava risinhos sarcásticos para tudo, era difícil dizer se aquele tinha sido criado especialmente para ela.

— Olá, Oliver — disse Hilary. — Está se sentindo melhor? — Na última vez que ela o vira, ele estava pendurado de cabeça para baixo no cordame de um navio da Marinha. A culpa era toda dele, claro. Ele afirmara que nenhuma menina seria capaz de dar um nó que ele não conseguisse desfazer, e ninguém poderia culpar Hilary por ter dado dois nós desse tipo em volta dos tornozelos do garoto. Eventualmente ela o libertou, cortando a corda

com a espada, embora tenha lamentado muito fazer isso. O lado bom foi descobrir o baque surdo que uma testa faz quando se encontra com o convés de um navio.

— Estou perfeitamente bem, não graças a você. — Oliver passou a mão no cabelo, puxando-o para a frente a fim de cobrir o galo roxo na testa. — O que você quer?

— Quero falar com o meu pai.

— Não pode. — O risinho sarcástico de Oliver era triunfante. — Ele está ocupado.

— Não está, não. — Por cima do ombro de Oliver, Hilary podia ver o almirante Westfield amarrando pedaços de corda em intricados nós de marinheiro.

Oliver encolheu os ombros.

— Desculpe. Não posso ajudá-la.

Hilary era consideravelmente mais baixa que Oliver, mas endireitou o corpo o máximo que pôde. A srt. Greyson teria ficado contente, ela pensou.

— Por favor, afaste-se, sr. Sanderson — ela disse, passando por ele bruscamente e batendo na porta aberta com os nós dos dedos.

O almirante Westfield ergueu os olhos.

— Ah, Hilary. — Ele enfiou os pedaços de corda dentro de uma gaveta. — Entre, minha querida.

— É *tenente* Sanderson — Oliver disse, mas ela fingiu não ouvir enquanto deixava a porta bater entre eles.

— Bom sujeito, esse Oliver — disse o almirante Westfield, apoiando as botas em cima da mesa. — É como o

filho que eu nunca tive. Um excelente marinheiro também, é claro. — Ele lançou um olhar para Hilary, como se esperasse uma resposta.

— É claro — Hilary murmurou. Era difícil falar em um tom de voz alto o suficiente no escritório do almirante, pois grossos tapetes trazidos do outro lado do reino cobriam o piso, e qualquer ruído que não fosse absorvido por eles seria abafado pelas fileiras tiquetaqueantes de instrumentos náuticos que cobriam as paredes. Na parede atrás da mesa do almirante Westfield havia uma fileira de janelas em formato de escotilha; depois de tantos anos no mar, o almirante alegava que janelas de qualquer outro formato o incomodavam. Livros também o incomodavam, porque geralmente não estavam disponíveis no mar e, de qualquer forma, ele considerava a maioria das obras irrelevante. Por isso, livros de qualquer tipo eram estritamente proibidos no escritório, mas gavetas e mais gavetas de mapas e cartas de navegação tomavam o espaço que estantes de livros poderiam ter ocupado. Um globo girava lentamente em sua armação de madeira ao lado da mesa, e um telescópio estava em posição de sentido junto a uma das escotilhas. Na verdade, *tudo* estava em posição de sentido, inclusive Hilary, porque, com exceção da cadeira do almirante Westfield, não havia lugar para sentar. O efeito geral fazia Hilary se sentir levemente enjoada.

— Pois bem, Hilary — disse o almirante Westfield. Ele sorriu para ela, fazendo a garota sentir os joelhos vacilarem.

Primeiro, ele a chamara pelo nome. Mais do que isso: a chamara pelo nome *correto*. E agora estava sorrindo! Hilary se perguntou se ele estaria se sentindo bem. — O que posso fazer pela minha menina da Escola da Senhorita Pimm?

Oh, céus. Estava explicado.

— Na verdade — ela disse —, é exatamente sobre isso que eu queria falar. — Ela fixou os olhos na escotilha acima da cabeça do pai. — Eu não quero ir.

— Desculpe, minha querida — disse o almirante Westfield. — Não consigo ouvi-la. Você vai ter que falar mais alto.

Hilary respirou fundo.

— Eu não quero ir para a Escola da Senhorita Pimm.

— Mas *toda* menina quer ir para a Escola da Senhorita Pimm.

— Eu não, pai. Eu quero ser pirata.

— Ah, sim. — O almirante pegou mais um pedaço de corda e começou a dar um nó de meia-volta. — Aquela foi uma travessura um tanto impertinente, minha querida, e sua mãe me disse que já a repreendeu por isso. Mas receio que não posso entrar na brincadeira agora. Estou planejando uma viagem importante, e o tempo urge.

As pernas de Hilary tremiam, e a espada na bainha batia contra a lateral do seu joelho.

— Não é uma travessura nem uma brincadeira — ela disse. — Eu sou uma boa marinheira. Muito melhor do que Oliver, inclusive.

O almirante Westfield abriu a boca, mas Hilary se apressou antes que ele pudesse protestar que aquilo simplesmente não era possível.

— Eu sei que você nunca me viu navegar, mas estou praticando há anos. Posso remar tão depressa quanto os seus aprendizes, e sei o que fazer quando uma tempestade se aproxima ou um pilantra ataca. Eu seria uma aluna terrível, pai, mas acho que daria uma ótima pirata. — Ela hesitou.

— Se você fosse até o porto comigo rapidinho, talvez eu pudesse lhe mostrar.

O almirante Westfield inspirou fundo e soltou o ar em uma rajada forte.

— Minha querida — ele disse —, não precisamos tomar atitudes insensatas. Vou ser bem claro. Você é uma jovem dama. Além disso, é uma Westfield. Você não deve contar histórias bobas, não pode arruinar suas perspectivas na alta sociedade, e jamais será uma pirata.

— Mas pai...

— Você sabe perfeitamente bem que a pirataria é detestável — continuou o almirante Westfield. — Sair em busca de aventuras a qualquer momento, escavar tesouros e não entregá-los para a rainha, desobedecer às *minhas* ordens... Ora, o reino estaria muito melhor sem todos esses piratas navegando por aí. — Ele bateu as botas contra o tampo da mesa.
— Por que diabos você iria querer ser um deles? Está sendo influenciada por aquela governanta? Ou por aquela gárgula miserável? Por acaso foi alguma coisa que você leu em *livros*?

Hilary apreciava uma boa história de piratas tanto quanto a gárgula, mas queria ser pirata desde que se entendia por gente — ou quase isso. Ela tinha uma lembrança clara e muito remota de segurar a mão de sua mãe, caminhar pelas ruas pavimentadas com pedras até as docas de Porto Real e acenar para as velas de lona ondulantes da frota do pai, que partia em alguma aventura grandiosa. Ela dissera à mãe, ali mesmo, que queria se juntar à Marinha quando tivesse idade suficiente, para velejar em alto-mar e viver suas próprias aventuras grandiosas. Mas a mãe apenas deu risada. E contou ao almirante, quando ele voltou de viagem, mas ele ficou muito sério e informou a Hilary que a Marinha não era lugar para mocinhas, e certamente não era lugar para a filha dele.

No final das contas, talvez o almirante Westfield estivesse certo, pois uma carreira na Marinha, com suas regras tediosas e missões maçantes, dificilmente seria tão interessante quanto a vida em um navio pirata. Em um navio pirata, Hilary poderia viver todas as grandes aventuras que quisesse. Ela deixaria garotos da Marinha como Oliver tremendo em suas botas de couro fino, e seu pai finalmente veria do que a filha era capaz. Ela seria a pirata mais temível de todos os mares — não importava o que Jonas Perna-de-Pau e o almirante Westfield tivessem a dizer sobre isso.

O almirante Westfield, no entanto, não tinha muito mais a acrescentar para Hilary naquele momento.

— Agora — ele disse, levantando —, vamos parar com essas bobagens. Duvido que bobagens sejam toleradas na Escola da Senhorita Pimm. Ou mesmo na QHLP. Eles estavam certíssimos em rejeitá-la. — Ele pôs as mãos sobre os ombros de Hilary e deu um beijo apressado na testa dela.
— Agora vá andando, e seja uma boa mocinha.

Hilary não se mexeu. Em vez disso, olhou fixamente para a parede atrás do pai. Então esfregou os olhos e olhou de novo, só para ter certeza de que não estava enganada.

O almirante Westfield pigarreou.

— Vá andando — ele repetiu, um pouco mais alto —, e seja...

— Pai — disse Hilary —, é melhor você se virar. Alguma coisa muito estranha está acontecendo com a janela.

Eles viram uma das janelas-escotilha atrás da mesa do almirante Westfield ficar cada vez maior. Ela engoliu as janelas em volta e metade da parede também. Os instrumentos náuticos do almirante desprenderam-se de seus suportes e as cartas de navegação caíram no chão, mas a janela parecia determinada a continuar crescendo, até que atingiu a franja do tapete. Hilary nunca tinha visto nada parecido. Ela correu até a janela e tentou pressionar a mão contra ela, mas seus dedos passaram direto através da moldura.

— O vidro! De algum modo, desapareceu. — Hilary cutucou a moldura da janela com a ponta da espada. — E acho que a moldura ainda está crescendo. — Ela se voltou

para o pai. — Eu não entendo. As suas janelas normalmente andam por aí por conta própria?

— Afaste-se, querida — disse o almirante Westfield —, e pelo amor de Deus, abaixe essa arma ridícula. Eu vou cuidar disso. — Ele puxou Hilary para o lado e marchou até a parede, que era agora mais ar do que pedra. — Escute aqui, janela! — ele bradou. — Não vou tolerar essa impertinência. Estou no comando desta casa, e exijo que você encolha imediatamente!

Hilary esfregou o braço que o almirante Westfield havia puxado. Ela ficou muito satisfeita ao ver que, ao contrário do resto do reino, a janela se recusou a obedecer às ordens do pai. Na verdade, o buraco se escancarou ainda mais, revelando duas figuras — uma alta e uma mais baixa — em pé no gramado da mansão Westfield. Estavam longe demais para Hilary distingui-las, mas pareciam totalmente vestidas de preto, com máscaras pretas nos olhos e luvas pretas nos punhos. Hilary engoliu em seco e apontou a espada na direção delas.

A janela hesitou por um momento, como se estivesse considerando se ficar ainda maior não seria falta de educação. Ela oscilou de um lado para o outro e então, de uma só vez, todas as gavetas do escritório do almirante se abriram, e todas as portas foram arrancadas das dobradiças. Hilary gritou e ergueu a espada para repelir as portas do armário, que balançavam loucamente acima de sua cabeça. O almirante Westfield soltou uma tempestade de xingamentos

náuticos quando a gaveta da mesa o atingiu no estômago, jogando-o no chão.

Um pergaminho enrolado saiu da gaveta e passou voando acima da cabeça do almirante Westfield. Ele tentou agarrá-lo, mas o rolo disparou como um dardo entre os seus dedos, e antes que Hilary pudesse correr para ajudar, já tinha atravessado a enorme janela e pousado na mão enluvada da figura alta que aguardava no gramado.

— Parem, seus salafrários! — gritou o almirante Westfield, mas a figura alta apenas acenou alegremente. Então, com um tremor súbito, a janela-escotilha implodiu de volta ao seu tamanho normal, e todas as gavetas e portas de armários se fecharam violentamente.

Hilary correu até o almirante Westfield e o ajudou a se levantar.

— Você está bem? — ela perguntou. Seu pai estava um pouco vermelho, mas, verdade seja dita, ele sempre estava. — Que diabos acabou de acontecer?

— Magia! — exclamou o almirante Westfield. — Seguida de roubo, ainda por cima. Aqueles pilantras encantaram um documento importantíssimo e o fizeram voar para fora da minha casa! — Ele abriu a gaveta e remexeu lá dentro. — E para que serve aquela maldita gárgula? — resmungou. — Era para ela nos proteger, mas não faz nada se você não correr até ela e implorar. E eu me recuso a impor qualquer coisa para aquela criatura. Como os Westfield acabaram em posse do item mágico mais inútil do reino,

nunca saberei. — O almirante praguejou baixinho e fechou a gaveta da mesa com um estrondo. Então ergueu os olhos para Hilary. — Lamento tremendamente que você tenha testemunhado tudo isso, minha querida. Se envolver com magia dificilmente melhora a reputação de uma jovem dama. É melhor você correr de volta para o quarto enquanto eu ponho ordem nesta bagunça.

Hilary franziu a testa. Certamente uma verdadeira pirata não se esconderia no quarto depois de uma batalha. Não, uma verdadeira pirata perseguiria o inimigo, não importava o que seu pai tivesse a dizer a respeito.

— Mas eu posso ir atrás dos ladrões — ela protestou.
— Talvez não seja capaz de pegá-los, mas com certeza consigo descobrir para onde foram.

— Não, minha querida, não seja ridícula. Não há nada que você possa fazer. E onde você arrumou aquela espada?

Hilary furtara a espada de uma armadura exposta no salão de baile da mansão Westfield, imaginando que faria melhor uso dela do que a armadura jamais poderia — mas agora não era exatamente o momento ideal para explicar isso ao pai.

— Diga-me o que posso fazer para ajudar — ela disse
— e eu farei.

— Você pode ajudar — disse o almirante Westfield —
não dizendo uma única palavra sobre isso para ninguém.
Quanto antes você estiver em segurança na Escola da
Senhorita Pimm, melhor. Aliás, minha querida, esse tipo

de comportamento escandaloso é exatamente o que se pode esperar a bordo de um *navio pirata* — ele cuspiu as palavras no tapete. — Lamentável, não é?

Na verdade, Hilary tinha achado tudo aquilo bem emocionante, mas o almirante Westfield não lhe deixou responder.

— Agora, se me dá licença, tenho que convocar alguns homens para perseguir aqueles patifes. — Ele se virou de novo para Hilary. — E, pelo amor de Deus, me dê essa espada. Ela é perigosa, e com certeza você não vai precisar dela na Escola da Senhorita Pimm.

Ele estendeu a mão para a espada, mas Hilary a tirou de seu alcance.

— Acho que vou ficar com ela, pai, se você não se importar — ela disse. — Ouvi dizer que as meninas na Senhorita Pimm são um tanto violentas.

— Hilary, eu não tenho tempo para essas besteiras. Com espada ou sem espada, tudo o que peço é que amanhã às dez horas de manhã você esteja sã e salva no trem para a Escola da Senhorita Pimm.

Hilary tentou parecer solene.

— Sim, pai — ela disse. — Prometo que estarei no trem.

O almirante Westfield dispensou Hilary do escritório com um aceno. Pelo menos ele não a fizera prometer que *ficaria* no trem até chegar à Escola da Senhorita Pimm, pois essa era uma promessa que ela não pretendia cumprir.



HILARY ATRAVESSOU O CORREDOR ÀS PRESSAS, passando pelos reis, exploradores e todos os outros heróis de vidro colorido presos para sempre nas paredes da mansão Westfield. Quando enfim chegou ao seu quarto, bateu a porta atrás de si.

— Então — disse a gárgula —, você acabou executando o seu pai? Não pode dizer que não avisei sobre a sujeira... Ei! O que você está fazendo com essa coisa?

— Eu — disse Hilary, enquanto lascava as pedras em volta da gárgula com a ponta da espada — estou levando você comigo. Tenho certeza de que o meu pai não vai sentir nem um pouco a sua falta.

— O quê? — A gárgula se contorceu e pequenos fragmentos da verga da porta caíram no chão. — Você está maluca? Eu não quero ir para uma escola para damas delicadas! Você não pode me obrigar! Eu não vou aprender balé aquático e ponto final!

— Calma, não se preocupe. Nós não vamos para uma escola para damas delicadas.

A gárgula ficou de orelhas em pé.

— Não?

— Não — disse Hilary. — Nós vamos para o mar.